



O PERCURSO DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA RIBEIRO MOSS NO COLÉGIO PEDRO II: “O FAMOSO CONCURSO DE QUÍMICA” (1926-1939)¹

  Paloma Rezende de Oliveira²

  Nailda Marinho Costa³

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica.

Correspondência ao Autor
Nome: Paloma Rezende de Oliveira
E-mail: rezende_paloma@yahoo.com
Instituição Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Submetido: 19/11/2018
Aprovado: 28/02/2019
Publicado: 04/06/2019

 10.20396/rho.v19i0.8654017
e-Location: e019022
ISSN: 1676-2584



RESUMO

Com base nos estudos sobre a presença feminina no Colégio Pedro II, este artigo busca dar enfoque ao percurso profissional de Maria da Glória Ribeiro Moss, a primeira professora de Química que atuou a partir de 1926 no externato desta instituição. A partir de sua história individual, buscou-se compreender as estratégias por ela utilizadas para ingressar na instituição, bem como as mudanças ocorridas na sociedade e no interior do estabelecimento de ensino que viabilizaram a inserção das mulheres no corpo docente do Colégio Pedro II, bem como no ensino secundário, até então ocupado predominantemente por homens. Na perspectiva assinalada por Ginzburg (2006), as fontes foram interrogadas no sentido de sinalizar não apenas a história individual, mas também a história coletiva e da sociedade em que essa professora esteve inserida. A dinâmica gerada por esta atividade constituiu sua subjetividade e sua reflexividade. Como se trata de uma história que inclui homens e mulheres, utilizaremos o gênero como categoria de análise de caráter relacional, buscando não dicotomizar as relações existentes, mas sim situá-las culturalmente. Nesse sentido, a análise dos concursos para a Cátedra de Química, realizados em 1934 e 1939, que teve entre seus candidatos a professora Maria da Glória, a única mulher a concorrer, nos deu indícios das relações de poder estabelecidas tanto no interior do Colégio Pedro II quanto na sociedade da época.

PALAVRAS-CHAVE Colégio Pedro II. Concurso de Química. Percurso profissional. Carreira docente. Professoras no ensino secundário.



THE PROFESSIONAL CAREER OF MARIA DA GLÓRIA RIBEIRO MOSS AT COLÉGIO PEDRO II: THE FAMOUS CONTEST FOR CHEMISTRY CHAIR

Abstract

This study constitutes the research about the female presence at Colégio Pedro II, whose focus was the professional path of Maria da Glória Ribeiro Moss, the first Chemistry teacher to work at this high school beginning in 1926 in its day-school. From her personal career, we seek to know the strategies used by her to start working in this educational institute and also how the changes that occurred in society and in the institution made possible the insertion of women in the teaching staff of this high school, where secondary education was predominantly male. In accordance with Ginzburg (2006), it is necessary to question the sources in order to signal not only the individual and collective history, but also the society in which this teacher lived. The dynamics generated by this activity constituted subjectivity and reflexivity. We will use gender as a checking category of relational characteristic, according to which men and women do not dichotomize relationships between them. In this way, the analysis of the contests for the Chair of Chemistry, held in 1934 and 1939, that had among their candidates the teacher Maria da Glória, the only woman to compete, gave us clues about the power relations established in Colégio Pedro II and the society of that time.

Keywords: Colégio Pedro II. Contest for chemistry chair. Professional career. Teaching career. Teachers in secondary education.

LA CARRERA PROFESIONAL DE MARIA DA GLÓRIA RIBEIRO MOSS EN EL COLEGIO PEDRO II: EL FAMOSO CONCURSO PARA LA CÁTEDRA DE QUÍMICA

Resumen

Este estudio constituye las investigaciones sobre la presencia femenina en el Colégio Pedro II. El foco fue el camino profesional de Maria da Gloria Ribeiro Moss. Ella fue la primera maestra de química que trabajó en este colegio, a partir de 1926. A partir de la historia individual de esta profesora, buscamos conocer las estrategias que utilizó para comenzar a trabajar en este Colegio; como también saber cómo los cambios que ocurrieron en la sociedad y en la institución hicieron posible la inserción de mujeres en el personal docente de este Colegio, cuya educación secundaria era predominantemente masculina. Según Ginzburg (2006), es necesario cuestionar las fuentes para señalar la historia individual y colectiva, así como la sociedad en que vivió esta profesora de enseñanza secundaria. Las dinámicas generadas por esta actividad constituyeron subjetividad y reflexividad. Utilizamos el género como una categoría de análisis relacional, según el cual las relaciones entre hombres y las mujeres no son dicotomizadas. De esta manera, analizaremos el concurso para la Cátedra de Química que ocurrió en 1934 y en 1939 y que contó entre sus candidatas con la profesora Maria da Gloria. Ella fue la única mujer única a participar, lo que nos dio pistas sobre las relaciones de poder establecidas en el Colegio Pedro II y en la sociedad de aquella época.

Palabras clave: Colegio Pedro II. Concurso para la cátedra de química. Carrera profesional. Carrera docente. Profesores de enseñanza secundaria.



INTRODUÇÃO

O percurso de Maria da Glória Ribeiro Moss (1904-1979) será tratado neste estudo, por ser ela a primeira mulher a constituir o quadro docente do Colégio Pedro II, instituição criada em 1837, no Rio de Janeiro, e que durante mais de um século manteve o monopólio sobre a construção e difusão de conhecimento considerado socialmente relevante para o ensino secundário no Brasil, garantindo-lhe legitimidade e influência frente às demais instituições do país.

Maria da Glória começou a atuar no externato do Colégio Pedro II como professora da turma suplementar do 4º ano, em 1926⁴, sendo necessário indagar sobre as estratégias por ela utilizada, bem como sobre as mudanças que ocorreram na sociedade e na instituição, possibilitando sua entrada como professora neste estabelecimento de ensino secundário, cujo quadro docente até então era constituído exclusivamente por professores do sexo masculino. Estas mudanças também garantiram sua permanência no quadro docente da instituição? Quais relações ela estabeleceu dentro e fora da instituição para garantir seu ingresso? Que tipo de interação ela manteve com os demais professores e professoras que já atuavam na instituição ou ingressaram depois dela?

A fim de responder a estas questões, buscamos fontes que revelassem elementos sobre sua vida pessoal e familiar, sua formação, sua carreira profissional e o tempo de atuação no Colégio Pedro II, a data de posse e de saída da instituição, os cargos ocupados, as matérias lecionadas, as possíveis sociedades científicas e jornais nos quais atuou, publicações, além de fontes iconográficas que fizessem referência a ela nos espaços públicos e privados onde circulou.

As fontes consultadas foram as disponíveis no acervo do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II – NUDOM-CPII⁵, as quais foram confrontadas e complementadas com notícias dos impressos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Inicialmente, analisamos práticas como as Bancas de Exames de Concursos para Professores Catedráticos do Colégio Pedro II, as quais indicaram que desde 1854, quando são instituídos os concursos na instituição, não se constatou nos concursos para professores catedráticos a presença feminina, o que só ocorreu a partir do ano de 1921.

Em estudo sobre o corpo docente do Colégio Pedro II, Mendonça, Silva e Oliveira (2015) depreenderam que a forma de ingresso dos docentes na instituição, desde a sua criação até o ano de 1854, ocorreu por meio de nomeação pelos ministros do Império. A interinidade seria então a marca deste período, até que o decreto n.1331A de 1854, Reforma Couto Ferraz, instaurou a prática de concursos para o provimento dos cargos de magistério público no município da Corte, supondo uma maior estabilidade do corpo docente do Colégio Pedro II.

Em 1921, a candidata Nella Aita se inscreveu no concurso para provimento da Cadeira de Italiano, ficando em 2º lugar, dentre os oito candidatos inscritos. Mas após reunião da Congregação do CPII⁶, ela passou para o 4º lugar. Também o 1º lugar que havia ficado então



com o candidato Octávio Augusto Inglês de Souza, passou para 2º lugar, devido a um empate com o candidato Lino Romano Farina, que venceu por votação por ser Bacharel em Letras pelo CPEI, segundo o §3º do art. 207 do Regimento Interno.

Nella Aita foi a primeira mulher a participar de concurso para professor Catedrático, mas embora aprovada, não foi classificada para a vaga. Na tese intitulada “Escorço de fonética comparada luso-italiana”, apresentada pela candidata ao Colégio Pedro II, podemos notar que ela se auto intitula doutora em “Belas Letras”⁷.

Os professores catedráticos são definidos por Vechia e Lorenz (1998) como *homens mundo*, ou seja, homens formados nas tradicionais universidades europeias, estrangeiros, ou formados nos cursos superiores de Direito, Medicina e Engenharia do país, ex-alunos do Colégio Pedro II, sócios do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, atuantes na imprensa e nas traduções, e que possuíam formação humanística, viagens e leituras – notório saber – prestígio.

A primeira professora a efetivamente trabalhar no Colégio foi Maria da Glória em 1926, como professora da turma suplementar, sendo o concurso para a Cátedra de Química aberto somente em 1933.

Assim como a presença de mulheres nos processos de concursos antes mesmo de Maria da Glória ingressar no externato do Colégio Pedro II era até então desconhecida, a obra de Escragolle Doria (1939), que descreve os cem primeiros anos da trajetória do Colégio Pedro II e de seus professores, silenciou a presença das professoras que já integravam o quadro docente⁸.

Diante deste silenciamento sobre as professoras que atuaram no Colégio Pedro II, no período inicial da República, o percurso da primeira mulher a constituir o quadro docente deste estabelecimento de ensino, rompendo com o padrão exclusivamente masculino do ensino secundário, apresenta-se como contribuição para os estudos que utilizam a história das mulheres como categoria de análise, bem como delineia outra configuração para a identidade do magistério secundário neste período.

O PERCURSO FORMATIVO E PROFISSIONAL DE MARIA DA GLÓRIA MOSS

Nascida em 21 de abril de 1904⁹, Maria da Glória Ribeiro Moss, daria início a sua carreira como professora influenciada por sua mãe, também professora, Isabel Ribeiro Moss. Esta foi casada com Diogo Tomaz Moss, militar, com quem teve mais 5 filhos: Alyx Ribeiro Moss, Edgar Ribeiro Moss (advogado), Maria de Lourdes Ribeiro Moss, Maria Rita Ribeiro Moss e o capitão Augusto Ribeiro Moss. (FALECIMENTOS..., 1931).

A formação escolar de Maria da Glória se deu em uma escola pública profissional criada para atender ao contingente feminino no Distrito Federal, em 1898, o Instituto



Profissional Feminino. De acordo com o regulamento, tratava-se de uma instituição de “[...] formação profissional, comercial e doméstica, objetivando formar moças prendadas, para o lar e para o trabalho, em caso de necessidade [...]” (BONATO, 2009, p. 170), sendo recebidas gratuitamente e preferencialmente crianças pobres e desamparadas, órfãs e filhas de funcionários públicos.

Em 1919, deu início à formação superior no Curso de Farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo concluído o curso em 1922. Desde então, apresentou trabalhos e proferiu conferências em eventos científicos de Química e Farmácia como, por exemplo, o 3º Congresso Sul Americano de Química; o 1º e o 2º Congresso Brasileiro de Farmácia, realizados em 1922, na capital do Rio de Janeiro, e em 1928 na capital de São Paulo, respectivamente; e na Associação Brasileira de Farmacêuticos, em 1923. Além disso, declarou-se membro de diversas outras Associações de Química e Farmácia, elencadas em suas teses apresentadas em 1933 e em 1939 para as Bancas Examinadoras dos concursos para a cátedra de Química do Colégio Pedro II. (MOSS, 1933; 1939)¹⁰.

De acordo com a notícia publicada em *O Jornal*, de 22 de outubro de 1922, Maria da Glória teria apresentado trabalho durante o 1º Congresso Brasileiro de Farmácia, intitulado “O farmacêutico perante o colega, a sociedade e a pátria”, tratando de aspectos relacionados à profissionalização do farmacêutico, tais como a necessidade de se criar centros farmacêuticos em todos os estados da União, maior coesão da classe, além de citar o farmacêutico como colaborador do médico. Saudou a comissão organizadora com arranjo de flores e demonstrou preocupação com a dosagem dos remédios.

No desdobrar de suas considerações, disse a oradora que a consciência do farmacêutico deve ser precisa como o fiel da balança em que dosa os medicamentos, o exercício da farmácia é um sacerdócio, o farmacêutico é um colaborador do médico. Lembrou a senhorita Maria da Glória Moss a necessidade da fundação de centros farmacêuticos em todos os estados da União, para maior coesão da classe. [...]. (CONGRESSO ..., 1922, s.p).

Por este trabalho, ela foi premiada pela Associação Brasileira de Farmacêuticos, em 1922, como referenda a notícia do jornal *Gazeta de Notícias*, de 08 de setembro de 1945.

Em 1928, Maria da Glória participou da 4ª plenária do 2º Congresso Brasileiro de Farmácia, realizado em São Paulo, no Instituto Histórico, onde realizou uma conferência sobre metais capazes de substituir a platina em análise orgânica como catalisador. Sua atuação mereceu destaque no *Jornal do Brasil*, de 18 de setembro:

[...] a farmacêutica Maria da Glória Moss, que nos deixou uma das mais vivas impressões colhidas no certame de SP. Fez uma conferência de alto valor científico e farto trabalho pessoal sobre aplicações analíticas de catálises. O elemento feminino teve larga e eficiente participação nos trabalhos. (2º CONGRESSO ..., 1928, s.p).

Ainda de acordo com a reportagem, a “farmacêutica” foi aplaudida pelos presentes. Cabe destacar que posteriormente, essa conferência, daria origem à tese intitulada “Catálise”,



de 1933, apresentada aos membros da banca do concurso para a cátedra de Química do CPII, realizado em 1934.

Uma das estratégias utilizadas por Maria da Glória para participar dos eventos e associações intelectuais e científicas era por meio da atribuição de secretária, função que ocupava, por exemplo, na Associação Brasileira de Farmácia. No 1º Congresso ela atuou, junto com outras mulheres, registrando as atas dos trabalhos apresentados nas seções, função atribuída principalmente a elas, naquela época. Estas seções, por sua vez, eram presididas por médicos e farmacêuticos, todos do sexo masculino. Contudo, ela se destacou das demais, proferindo também conferências, em decorrência de seus estudos superiores, sobrepondo-se assim ao papel social e profissional destinado às mulheres. Sua atuação como secretária estendeu-se a outros espaços sociais, como a Liga Eleitoral Católica, tendo também atuado como diretora do grupo das Filhas de Maria de Santo Antônio dos Pobres. (CULTOS..., 1935, p. 6)¹¹.

Também em decorrência de seus estudos superiores, em 1923, iniciou a carreira na Escola Normal de Niterói, como professora de Química¹². Em 11 de outubro de 1926, foi assinado seu termo de posse e registro de nomeação, na primeira turma suplementar do 4º ano, do Colégio Pedro II, para lecionar aulas de Química. Ela seria, então, a primeira professora de Química da instituição, prestando-lhe serviços até o ano de 1937, conforme declarou em sua segunda tese apresentada para concorrer à cátedra de Química do externato do CPII, realizado em 1939. (MOSS, 1939).

Conforme apresentado no quadro a seguir, durante o período em que atuou como professora na Escola Normal de Niterói, ela também lecionou em outras 9 escolas de ensino secundário e ou profissional¹³:

Quadro 1 - Escolas de ensino secundário e profissional onde atuou Maria da Glória¹⁴

Ano	Escola	Função
1926	Escola Profissional Aureliano Leal – Niterói	Nomeada professora catedrática de Ciências Físicas e Naturais
1926-1937	Colégio Pedro II – Rio de Janeiro	Professora Suplementar de Química
1932-1937	Liceu de Humanidades Nilo Peçanha – Niterói	Regente Efetiva de História Natural
1933	Escola Rivadavia Correa – Rio de Janeiro	Efetivada pelo decreto nº 4.200, de 25 de julho de 1933, como Professora Adjunta do Ensino Secundário e Profissional
1934	Escola Souza Aguiar – Rio de Janeiro	Secção de Higiene e Ciências
1934-1935	Escola Orsina da Fonseca – Rio de Janeiro ¹⁵	Secção de Higiene e Ciências



1936-1938	Curso Secundário Paulo de Frontin – Rio de Janeiro	Professora Catedrática de Ciências Naturais
1938-1942	Escola João Alfredo	Secção de História Natural
1948-1950	Escola Técnica Industrial Visconde de Cairú	Professora de Química
1951- (...)	Escola João Alfredo ¹⁶	Professora de Química, n.de matrícula 19.666, padrão 74

Fonte: Moss, 1933; 1939. Vida..., 1951. Quadro elaborado pelas autoras.

Este quadro demonstra certa rotatividade da professora entre as escolas, oferecendo indícios sobre as dinâmicas dos processos de negociações identitárias acionadas ao longo de sua trajetória docente, tanto no âmbito individual, como nos contextos institucionais. Também as frequentes notícias sobre acusações de acúmulo de cargo pelos diretores das escolas secundárias, ajudaram a situar Maria da Glória em relação à história do seu tempo, esclarecendo assim as escolhas, contingências e opções que constituem os contextos de ensino, em suas práticas e representações como afirma Xavier (2014, p. 836).

Por exemplo, em notícia do *Diário carioca*, de 28 de julho de 1933, é feita uma crítica à professora Maria da Glória que pediu o afastamento dos diretores do Nilo Peçanha, denunciando o não pagamento dos rendimentos. Os diretores alegaram que a professora não tinha direito a receber como professora da Escola Normal de Niterói, sob a mesma direção, já que também atuava no Liceu. O ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Luis da Silva Campos, teve que intervir, justificando que esta passou a catedrática da Escola Normal, tendo direito aos vencimentos.

Os atritos durante sua atuação no ensino secundário nos informam sobre as formas de identificação identitária, que embora subjetivada e objetivada por meio de sua formação e atuação profissional, não era reconhecida pelos seus pares, por se tratar de uma mulher¹⁷. Como sua competência profissional era legitimada pelos alunos que a homenageavam e protestavam a seu favor tanto nos Liceus quanto na Escola Normal, outras estratégias eram criadas para tentar afastá-la do cargo, assim como ocorreu no período em que atuou como monitora de Química no Instituto Hannemanniano, em 1930, quando foi afastada do cargo pelos demais monitores, sob vaias e escolta policial. (IRREGULARIDADES..., 1930, p. 16).

A alegação seria de que ela não teria formação adequada, e apesar de seus estudos na Faculdade de Farmácia, foi tratada como caloura. Após esse fato, Maria da Glória abandonou a carreira científica nessa área, dedicando-se ao curso da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, concluído em 1937, quando obteve então a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil no ano seguinte.

Logo, a atribuição de identidades pelas instituições e pelos pares, em interação com Maria da Glória, precisou ser analisada dentro dos sistemas de ação em que ela esteve



inserida, assim como a incorporação da identidade a ela conferida só pode ser legitimada conforme o que subjetivamente teve importância para ela.

Além destes embates, localizamos ainda pedidos de licença médica solicitados por Maria da Glória, como por exemplo, o publicado no *Jornal do Comércio*, em 18 de janeiro de 1927, quando ela apresentou a justificativa de faltas, com atestado médico correspondente a 7 dias de falta à Diretoria de Instrução Pública e à direção da escola.

Sua longa e, porém, fragmentada trajetória no ensino secundário pode ainda ser indicativo das dificuldades enfrentadas pelas professoras que atuavam neste segmento de ensino, nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro: rotatividade e transferência constante de escola, acúmulo de funções, necessidade de lecionar em várias escolas para compor a carga horária do cargo, instabilidade, constantes pedidos de licença médica, embates entre professores. A interinidade, portanto, marcou seu percurso no ensino secundário até que foi finalmente aprovada em concurso público para a vaga de Moral e Cívica, no Colégio Pedro II, em 1971¹⁸.

Outro ponto que não podemos deixar de tratar neste estudo são as redes de sociabilidade estabelecidas ao longo de sua carreira no magistério secundário e normal. Ao analisarmos a pasta do concurso para a cátedra de Química do externato do CPII, referente à candidata Maria da Glória, nos dois concursos por ela realizados em 1934 e 1939, onde consta a documentação entregue pela candidata em 1934, encontramos a relação de títulos referentes à sua participação em diferentes associações civis e militares, tais como a Diretoria do Pessoal da Armada, Associação Brasileira de Educação e Associação Brasileira de Professores Católicos, Sindicato dos Professores, Associação de Professores Cariocas, Sociedade Química de Buenos Aires (Montevideo) e Academia de Direito. Embora estes títulos não estivessem disponíveis na pasta, há o registro assinado pelo secretário de que foram entregues pela candidata. Em 1939, é acrescentado também à documentação, um documento referente a sua participação na Sociedade Brasileira de Hidrologia e Climatologia, presidida pelo presidente da Federação Nacional de Professores, professor Barbosa Vianna. (PASTA..., 1940).

Essas atividades da professora Maria da Glória são fontes de identidades profissionais que, conforme Dubar (2012, p. 325):

[...] possibilitam mudar de emprego ao longo da vida, ao mesmo tempo garantindo uma identidade de trajetória. É por e em um processo específico de socialização, ligando trabalho, educação e carreira, que essas identidades se constroem no interior de instituições e de coletivos que organizam as interações e asseguram o reconhecimento de seus membros como profissionais.

Por considerarmos que as sociabilidades se constroem nos círculos sociais, provocando combinações diversas entre os indivíduos em interação, que por sua vez modificam as próprias relações sociais, uma análise mais aprofundada de sua participação nestas associações poderá constituir um novo estudo, dando continuidade ao percurso dessa profissional, que até o momento nos apontou vários indícios, como também várias lacunas que



necessitam ser desveladas ou pelo menos problematizadas. Neste artigo, contudo, nos deteremos à participação de Maria da Glória nos concursos do Colégio Pedro II e nas relações estabelecidas com os demais professores desta instituição, buscando situá-las no contexto social mais amplo.

O FAMOSO CONCURSO DE QUÍMICA DO CPII

O “famoso concurso de química” foi uma expressão utilizada pelo secretário do Colégio Pedro II, Octacílio Pereira, responsável pelo registro da documentação referente à candidata Maria da Glória. A expressão aparece no documento referente à comprovação da devolução dos documentos originais apresentados à instituição para realização do concurso de 1934, então anulado, para poder realizar nova inscrição no concurso aberto para a mesma vaga em 1939. O documento aparece assinado pelo secretário e pela candidata, como consta na pasta do concurso para a cátedra de Química do externato do CPII, de 1933, referente à candidata Maria da Glória Moss. A repercussão de uma mulher ter se candidatado à Cadeira de Química do CPII, como Professora Catedrática, teve repercussão, sendo a notícia publicada na imprensa de circulação local e nacional.

Em ofício n.871, de 22 de março de 1933, da Diretoria Geral de Educação do Rio de Janeiro, foi transmitida a abertura de inscrição destinada às duas cadeiras vagas de ambas as seções do Colégio Pedro II, o Internato e o Externato¹⁹. O período de inscrições ficou aberto por 120 dias, a contar da data do edital de 31 de março, sendo concluído com 10 professores inscritos, sendo Maria da Glória a única mulher. Os outros candidatos inscritos no Concurso para a Cátedra de Química do CPII, foram Arlindo Froes, Carlos Barbosa Teixeira, Gildasio Amado, João Batista Pecegueiro do Amaral, João Cristóvão Cardoso, Julio Hauer, Luiz Pedreira de Castro, Ruben Descartes de Garcia Paula, como consta no Livro de atas relativas aos concursos de docentes livres, catedráticos e professores, de 21/09/1925 a 21/02/1975²⁰.

Na ocasião da seleção de 1934, a candidata apresentou a tese intitulada “Novo processo catalítico de análise orgânica: catálise”, entregue em 31 de julho de 1933 à Comissão composta pelos professores catedráticos do Colégio Pedro II Oliveira de Menezes e George Summer, e pelos professores externos Carlos Ernesto Lohmann, Djalma Regis Bittencourt e Mario de Brito. Estes teriam sido eleitos pelo Conselho Nacional de Educação, na 2ª seção da 4ª reunião, presidida por Reinaldo Pascoal, na ausência do Ministro de Educação e Saúde Pública. Após esta eleição, Maria da Glória teria feito um requerimento em que declarava suspeitos dois professores membros escolhidos para a Banca Examinadora do concurso. (O CONCURSO..., 1934).

Após várias alterações realizadas dos membros desta Banca Examinadora, em 1934, as etapas do processo de seleção foram realizadas pelos candidatos, tendo Maria da Glória obtido bons resultados nas diversas etapas. Após a conclusão do processo, contudo, o concurso foi anulado, somente sendo aberto novo edital para ocupação da cátedra em 1939, quando então



Maria da Glória se inscreveu novamente, junto com os candidatos Arlindo Froes, Gildazio Amado e Luiz Pedreira de Castro Guimarães. (LIVRO..., 1975).

Nota-se que, assim como Maria da Glória, outros inscritos nesse concurso, também se fizeram presentes no concurso anterior, o de 1934, sendo o caso de Arlindo Froes e Gildazio Amado.

No Catálogo de teses, dissertações e monografias do NUDOM-CPII (2000), localizamos as teses apresentadas pelos candidatos às cátedras de Química, dos quais daremos ênfase aos participantes do concurso de 1939. Gildazio Amado apresentou a tese intitulada “Investigação espectroquímica da constituição e estrutura nuclear”; Arlindo Froes, a tese “Das reações químicas”; Luiz Pedreira de Castro Guimarães, a tese “Acidez e basicidade iônicas” e Maria da Glória Ribeiro Moss, a tese “Catálise”.

No prólogo de sua nova tese apresentada durante o concurso do Colégio Pedro II, em 1939, consta a insatisfação de Maria da Glória com o tratamento dado a sua primeira tese, apresentada no concurso de 1934, de caráter original, que contou com a patente de invenção nº 17384 aplicável em análise orgânica, assunto que de acordo com a professora se ligava ao programa de ensino de química do 5º ano ginásial. Em decorrência disso, alegou ter apresentado nesse segundo concurso apenas uma tese de caráter teórico, intitulada “Catálise”.

Na medida em que ela distingue a primeira tese, considerada original, da segunda, de caráter teórico, coube perceber as novas apropriações e mudanças que ela fez em sua tese, as quais indicaram uma tentativa de adequação ao saber legitimado pelo corpo docente do Colégio Pedro II. Essa constatação nos remete aos estudos de Elias (1994), segundo o qual o uso corrente de um termo ou prática constitui um signo de pertencimento a um grupo e um apelo às obrigações que ocorrem da adesão aos seus ideais. (ELIAS, 1994).

Em uma análise mais aprofundada sobre as duas teses da candidata, foi possível buscar indícios e detalhes que se revelaram. Notamos que embora o conteúdo tenha sido mantido, sendo retiradas apenas as ilustrações, suas obras sugerem uma maior aproximação em relação aos autores que ela leu e que a influenciou e também sobre como ela leu estas obras. Este tipo de análise tem como base a composição da história de vida realizada por Ginzburg (2006), na qual, atento aos detalhes e indícios presentes nos documentos que pesquisou, o autor buscou as relações possíveis entre o singular e o coletivo.

Para a seleção no concurso, além da tese, os candidatos tinham que entregar a documentação referente à comprovação dos títulos e uma carta de recomendação. A candidata Maria da Glória entregou os títulos de nomeação para as escolas técnico-secundárias da municipalidade e o atestado de idoneidade referendado pelos próprios professores do Colégio Pedro II: Oliveira de Menezes, Catedrático de Química, Jorge Summer, Catedrático de Física e membro da Banca Examinadora do concurso, e Euclides Roxo, Catedrático de Matemática²¹. Esses documentos pessoais e profissionais, expressam a dimensão simbólica do trabalho



enquanto processo de construção e realização de si e de reconhecimento social, que permite àqueles que o exercem identificar-se e serem assim reconhecidos. (DUBAR, 2012).

O concurso de Química de 1939 do CPII, então organizado pelo professor e diretor Escragnole Doria, contou em sua Comissão Julgadora da Banca do concurso com a participação dos seguintes professores: Dr. Jorge Bandeira de Mello, professor de Química da Faculdade Nacional de Medicina e professor das escolas secundárias da Prefeitura do Distrito Federal; o Professor João Cristovam Cardoso, catedrático da Escola Nacional de Química; e Renato de Souza Lopes, em substituição a João Coelho Nascimento Bittencourt, professor de Química do Curso de Farmácia da Faculdade Nacional de Medicina, indicados pelo Conselho Nacional de Educação. Foram eleitos pela Congregação do Colégio Pedro II, os professores Augusto Xavier Oliveira de Menezes e George Summer. A configuração final desta Comissão somente se deu após diversas substituições ocorridas ao longo do ano de 1939, o que atrasou a realização das etapas do concurso, ocorridas somente em 1940. (PASTA..., 1940).

Quadro 2 – Etapas do concurso para professor Catedrático de Química do Colégio Pedro II, publicado em 1º de abril de 1939

Etapas do Concurso	Calendário de realização das etapas (ano 1940)
1ª etapa - Defesa de tese	9 de abril (candidata Maria da Glória) 12 de abril (candidato Arlindo Froes) 16 de abril (candidato Gildasio Amado) 19 de abril (candidato Luís Pinheiro Guimarães)
2ª etapa - Sorteio dos pontos da prova escrita	22 de abril
3ª etapa - Leitura da prova escrita perante os demais candidatos	24 de abril
4ª etapa - Prova prática	26 de abril
5ª etapa - Sorteio do ponto da prova oral didática	29 de abril
6ª etapa - Prova oral didática	30 de abril

Fonte: Pasta..., 1940. Quadro elaborado pelas autoras.

Pelo quadro, observa-se que durante a primeira etapa o candidato Luis Pinheiro obteve dez dias a mais para preparar sua defesa em relação à primeira candidata Maria da Glória, que foi a primeira a realizar esta etapa. Os candidatos não apresentavam suas defesas no mesmo dia, havendo uma semana de diferença em relação a cada um. Este fator pode ter tido influência no resultado final do concurso, visto que o último candidato a apresentar a tese foi aprovado em 1º lugar geral, enquanto que o penúltimo a apresentar a tese, ficou em 2º lugar geral. Maria da Glória, a primeira a se apresentar, por sua vez, ficou em último lugar.

O resultado do concurso foi publicado em 1940, anunciando a nomeação do candidato Luiz Pinheiro Guimarães para atuar como professor do Externato e do candidato Gildasio



Amado para lecionar no Internato do CPII, espaço que esses professores tentavam conquistar desde o concurso anterior. Arlindo Froes e Maria da Glória, que também buscavam conquistar esse espaço docente – a cátedra de Química, desde o concurso de 1934, classificaram-se em 3º lugar e 4º lugar, respectivamente, ou seja, a professora foi a última colocada. Ainda assim, ela chegou a ser aprovada em ambos os concursos, de 1934 e 1939, contudo, fora do número de vagas.

Desde então, ela deixou de prestar serviços ao Colégio Pedro II, como membro das Bancas Examinadoras de Química, Física e História Natural, referentes aos alunos do Externato do CPII, atividade que vinha desenvolvendo desde 1926, mesmo após ter deixado de ser professora deste estabelecimento de ensino.

A relação de Maria da Glória Moss com o CPII, começou antes mesmo dela trabalhar como professora. Em 12 de janeiro de 1917, havia se candidatado como aluna do curso preparatório na turma efetiva de Aritmética e na de Português, a fim de frequentar o curso superior, entretanto, não foi aprovada em uma das matérias. Tal fato foi atribuído à perseguição do professor Balthazar da Silveira em relação à aluna, que à época dos exames preparatórios do Colégio Pedro II, enquanto membro da Banca Examinadora de alunos, a teria reprovado. Os dois posteriormente, teriam se tornado colegas de trabalho na Escola Normal de Niterói. (AS CONSEQUÊNCIAS..., 1923)²².

Foi somente após três décadas de sua participação no segundo concurso realizado em 1939 para a Cátedra de Química e de quase cinquenta anos de dedicação ao magistério na Escola Normal de Niterói, que Maria da Glória retornou ao CPII, em 1971, tendo sido aprovada em 1º lugar no concurso para professora de Moral e Cívica. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 1971, p. 11). Assim, fica evidente que essa professora não desistiu de fazer parte do corpo docente efetivo desse Colégio.

Cabe ressaltar que mesmo após o ingresso das mulheres no quadro docente, até a década de sessenta, elas não foram aprovadas em concursos para as Cátedras deste estabelecimento de ensino, como indicado por Alves (2009).

A RELAÇÃO DE MARIA DA GLÓRIA COM OS DEMAIS PROFESSORES DO CP II

O percurso profissional de Maria da Glória no Colégio Pedro II se distinguiu do percurso das demais professoras que ingressaram no quadro docente, a partir de 1927. Desde essa data, a atuação das mulheres como professoras do CPII se deu nas turmas suplementares de português e francês, as quais passaram a utilizar o método direto no ensino de línguas vivas nas duas primeiras séries do curso secundário, prática regulamentada, posteriormente, pela Reforma Francisco Campos, em 1932. (SOARES, 2014).



As mulheres puderam também atuar como professoras auxiliares ou como professoras estranhas ao Colégio Pedro II, para regência de turma, o que se dava mediante indicação do catedrático da matéria. É o caso da militante feminista a professora Carmem Portinho, que atuou entre 1927 e 1929, como auxiliar de matemática, sendo a primeira mulher a atuar no internado do CPII²³.

Estas categorias de professores: *catedráticos, suplentes, auxiliares e estranhos* foram analisadas por Soares (2014), as quais demonstraram uma hierarquia existente na instituição e a distinção que havia entre os professores efetivos e os temporários. Os professores efetivos eram os catedráticos, os quais, de acordo com o autor, tinham exclusividade na composição da Congregação da instituição, sendo os responsáveis pela definição dos programas de ensino e pela seleção dos professores que constituiriam as cátedras de ensino do CPII. Os professores das turmas suplementares, por sua vez, eram contratados para atuar nas turmas, cujas cadeiras eram divididas em decorrência do elevado número de alunos, ficando sobre a supervisão do professor catedrático da cadeira referente às línguas modernas.

O percurso de Maria da Glória no CPII, portanto, não se deu dissociada da história dos professores homens, ambos estabeleceram relações que, segundo Perrot (2017), não podem ser desconsideradas durante um estudo que propõe abordar a história de vida das mulheres.

Embora não desconsideremos que a inserção das mulheres no quadro docente tenha dependido das relações de forças entre os atores internos e de alianças com decisões externas, e que, portanto, os recortes ou hierarquias internas aos sistemas profissionais e entre os sistemas são historicamente e culturalmente variáveis, como nos aponta Dubar (2012), Maria da Glória estabeleceu pensamentos e conceitos próprios, explanando uma história específica, indicando-nos que ela se fazia uma exceção, e o porquê de sua trajetória profissional ter ganhado destaque sob o olhar da imprensa.

Outros estudos de Soares (2017) apontaram indícios de que após a Reforma Capanema, acentuou-se a crise institucional do Colégio Pedro II, iniciada na década de 1930 com a Reforma de Francisco Campos. Esta crise foi atribuída pelo autor aos problemas na infraestrutura, baixos rendimentos, aumento do número de alunos e de turmas suplementares e à criação do curso de Filosofia, para formação de professores em nível superior.

Essa perspectiva pautada na ideia de crise das instituições escolares e repercussões sobre o trabalho docente, influenciada pela sociologia francesa de Dubet (1997), na visão de Libânia Xavier (2014, p. 832):

[...] incentiva o estudo das negociações identitárias, ao chamar a atenção para os processos de construção individual e coletiva das identidades docentes. Pode revelar aspectos ainda pouco revelados a respeito dos constrangimentos políticos, das interações sociais e das dimensões simbólicas que permeiam as dinâmicas identitárias deste grupo profissional.



Por outro lado, as análises que se baseiam nesse pressuposto, precisam tomar o cuidado de não acabarem por enfatizar a dicotomia entre homens e mulheres, na medida em que associam o aumento da presença feminina no corpo docente das instituições de ensino com a crise institucional atribuída a elas, no período. Desse modo, acabam por reforçar a prerrogativa de que os antigos professores que passaram a ganhar espaço em outros espaços de atuação e formação, deixaram as instituições em busca de novas ou melhores condições de trabalho, sendo então os cargos deixados por eles, ocupados pelas mulheres. Tal pressuposto corrobora a tese de que os “homens mundo”, que segundo Mendonça et al. (2015) ocuparam as cátedras do Colégio Pedro II, não tinham na docência sua principal profissão, vendo o prestígio da instituição de ensino onde atuavam apenas como um trampolim para alcançarem melhores cargos.

Ao partir do pressuposto de que as discriminações hierarquizam as categorias de pertencimento no interior da instituição, este tipo de análise possibilita pensar que as mulheres ingressaram no Colégio Pedro II como estratégia para se distinguirem dos ofícios de imagem social negativa ou com posição subordinada, ou ainda que não exigiam qualificação, sem, contudo, ter como preocupação central os aspectos que as distinguiam das demais mulheres e entre si.

Ainda segundo esse pressuposto, a *valorização de si*, que segundo Dubar (2012) vem acompanhada de uma retórica profissional comum, ou seja, se dá por meio da identificação na constituição de uma identidade profissional positiva, possibilitaria às mulheres projetarem uma carreira e se engajarem nesse segmento de ensino.

Com base nesses problemas que nos foram postos, a noção de gênero tratada no presente estudo assumiu um caráter relacional, não podendo ser estudado em uma esfera separada nem sem articulá-lo aos estudos das relações de poder, uma vez que este é entendido como exercido e mutável. Privar-se deste tipo de análise implica em dicotomizar os sujeitos e as relações. (SCOTT, 1992).

Outras autoras como Praun (2011) e Saffioti (2013) também subsidiam este tipo de análise, pois estão interessadas pelas formas como se constroem os significados culturais que constituem as diferenças, dando-lhes sentido e, por consequência, posicionando-as no interior das relações hierárquicas que se estabelecem, abrindo espaço para a noção de gênero permeada também pela identidade subjetiva.

A partir destes estudos, procuramos, então, apontar as condições sociais experimentadas pela primeira professora de Química do Externato do Colégio Pedro II e as ações coletivas nas quais se inscreveu, dando visibilidade a essa mulher em seus combates, conquistas no espaço público e privado, tomando como base a abordagem de Perrot (2017).

Nesse sentido, outros fatores que consideramos relevantes para explicar a presença feminina no CPII, foram as reivindicações dos grupos feministas, bastante atuantes no período, conforme ocorrido na primeira Conferência pelo Progresso Feminino, em 1922, onde



as congressistas reivindicavam a entrada de mulheres no Colégio Pedro II de nível secundário, exclusivo para o sexo masculino e passaporte para o ensino superior. (MARINHO, 2016). Essa presença pode ser constatada através do levantamento de informações sobre as quatro mulheres que atuaram como professoras suplentes ou auxiliares deste estabelecimento, em 1927, dentre elas Maria da Glória Moss.²⁴

No caso de Maria da Glória, a relação estabelecida com o Colégio Pedro II nos fez questionar não apenas o espaço ocupado pelas mulheres, mas também as formas como a ciência era produzida e como a sociedade era construída sob um prisma de universalidade que não incluía explicitamente as mulheres. (SCOTT, 1992).

Sua história individual traz em sua constituição características da sociedade a qual pertence, mas também expressa o que o singulariza e o diferencia dos demais indivíduos que pertencem à mesma sociedade, compreendida como uma rede de interdependências, no sentido tratado por Ginzburg (2006). Esta perspectiva confere ao indivíduo maior potencial de atuação frente às estruturas, contudo difere-se do modo como Norbert Elias (1994) pensa a constituição de sua individualidade, pois, para ele, esta somente é possível quando as funções que o indivíduo desempenha estão inseridas em um universo plural, em que as escolhas individuais são tornadas possíveis, permitindo aos indivíduos traçarem trajetórias individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber até agora, o percurso traçado por Maria da Glória não trouxe elementos sobre sua vida privada, talvez em decorrência da limitação trazida pelas fontes aqui tratadas. Ainda assim, o silêncio apresentado nas fontes, e principalmente na imprensa, em relação a este aspecto específico de sua história, bem como a ênfase dada à sua trajetória profissional, ajudaram a configurar uma imagem de mulher que buscou a igualdade, sempre pautada na legalidade e na racionalidade, não aceitando se submeter ao abuso de poder seja em relação aos homens ou mulheres que circularam em seus campos de atuação.

Sua maior preocupação foi enfatizar uma participação ativa nas comunidades científicas, o que ficou explícito tanto durante os períodos em que cursou Faculdade, como durante sua atuação no magistério secundário, em que proferiu diversas palestras e conferências, utilizando como estratégia para ingressar em diversas Sociedades, Associações e Congressos elucidados ao longo do texto, a atribuição de secretária.

Ainda assim, deixou transparecer por meio dos círculos que frequentou, um laço estreito com o militarismo, por influência do pai ou do marido, ambos militares, bem como com a religião católica, atuando como secretária da Liga Eleitoral Católica e como diretora do grupo das Filhas de Maria de Santo Antônio dos Pobres.

Apesar de não se declarar militante das causas feministas, nem aparecer vinculada a nenhum desses grupos, ela não utilizava o nome do marido, nem se referendava a ele em seus



pronunciamentos. Sempre identificada e identificando-se pelo nome Maria da Glória (Ribeiro) Moss, nas fontes consultadas, somente fomos ter conhecimento de que ela havia se casado, quando da morte de seu marido, em 1958, publicada no Diário Oficial, edição 19880, p.10, sendo a única fonte em que Maria da Glória foi apresentada como Caceres, o sobrenome do marido. Tão pouco foi possível inferir se ela teve filhos ou se chegou a se dedicar às funções do lar, imagem que não se preocupou em divulgar ou construir seja como representação de si ou social.

Seu percurso profissional indicou relações de poder marcadas por conflitos e disputas, seja por buscar visibilidade nos espaços públicos e ocupações predominantemente masculinas seja no campo profissional seja no campo de produção do conhecimento científico.

Sua identidade profissional como professora de ensino secundário foi construída enfrentando barreiras expressas tanto pelo olhar do outro quanto de si sobre a profissão, uma dimensão simbólica que revelou a precariedade da profissão. Além de enfrentamentos que expressam sua história individual, como por exemplo, os concursos para professora catedrática do Colégio Pedro II, as acusações de acúmulo de cargos feitas pelos diretores do Liceu e por parte dos professores.

Sua posição política de oposição ao governo de Getúlio Vargas, ainda que pouco explorada neste trabalho, nos indica outro aspecto que possa ter dificultado sua circulação, principalmente durante seu governo, merecendo maior aprofundamento sobre a questão, posteriormente. Estes empecilhos, contudo, não esconderam uma mulher que sempre buscava romper as barreiras impostas a sua carreira, servindo como exemplo aos alunos, que em diversos momentos de dificuldade ficaram ao seu lado, protestando a favor dela.

A construção de seu percurso ainda se constitui um desafio, haja vista sua história da vida privada ainda precisar ser desvelada, a fim de que possamos estabelecer relações mais significativas entre sua história individual e sua história coletiva, que como afirmamos não pode se dar dissociada da sociedade onde está inserida.

Por outro lado, traz contribuições no sentido de problematizar a concepção tradicional de intelectual, que na história política bem como na historiografia da educação tem se relacionado às pessoas que cultivam desinteressadamente a universalidade do espírito. O “intelectual”, enquanto mediador cultural, é considerado na perspectiva mais ampla apresentada por Gomes e Hansen (2016), como sujeito da produção de conhecimentos e da comunicação de ideias, podendo estar direta ou indiretamente vinculado à intervenção político-social. Desse modo, passam a integrar essa categoria as mulheres, que como Maria da Glória Moss, atuaram como escritoras, professoras, autoras, sendo necessário conhecer suas experiências, percursos e estratégias intelectuais.



REFERÊNCIAS

- 2º CONGRESSO Brasileiro de Farmácia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 set. 1928.
- ACTOS do poder executivo. **Jornal do comércio**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1927.
- ACTOS do poder executivo. **Jornal do comércio**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1923
- AINDA o fechamento do Lyceu Nilo Peçanha e a escola normal de Niteroi. **Diário carioca**, Rio de Janeiro, 28 jul. 1933.
- AITA, N. **Escorço de fonética comparada luso-italiana**. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Commercio, 1921.
- ALVES, R. L. Trajetórias femininas no Colégio Pedro II. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 15., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009.
- ANIVERSÁRIOS. **Diário de notícias**, Rio de Janeiro, 21 abr. 1937.
- AS CONSEQUÊNCIAS de uma reprovação. **A rua: semanário ilustrado**, Rio de Janeiro, jan. 1923, p. 1.
- ASSOCIAÇÃO nacional de farmacêuticos. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 08 set. 1945.
- BONATO, N. M. da. C. **A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2003.
- BONATO, N. M. da. C. A presença feminina no CPII. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais [...]**. Natal, 2002.
- BONATO, N. M. da. C. Imagens do *ser* mulher: a escola profissional. *In*: BARROS, R. M. M. (org.). **Subjetividade e educação: conexões contemporâneas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 165-178.
- COISAS da política. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 set. 1956.
- COLÉGIO PEDRO II. **Catálogo de teses, dissertações e monografias do CPII**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2000.
- COLÉGIO PEDRO II. **Livro de atas da congregação: 02/04/1925 a 30/05/1934**. 250 p.
- COLÉGIO PEDRO II. **Livro de atas relativas aos concursos de docentes livres, catedráticos e professores: 21/09/1925 a 21/02/1975**. s.p.
- COLÉGIO PEDRO II. **Pasta do concurso de professor catedrático de química do externato do CPII referente à candidata Maria da Glória Moss**. 15 jan, 1940. 9 p.
- CONGRESSO Brasileiro de Pharmacia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 out. 1922.



CULTOS e crenças. **Revista da semana**, Rio de Janeiro, seção 02, p. 6, 1935.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, seção 2, p. 11, 22 abr. 1971.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de pesquisa**. v. 42, n. 146, p. 351-367, maio/ago. 2012.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. A socialização e a formação escolar. **Lua Nova**, n. 40-41, 1997.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

ESCRAIGNOLLE DORIA, L. G. de. **Memória histórica**. Edição Commemorativa do 1º Centenário do Collegio de Pedro Segundo (2 de dezembro de 1837 – 2 de dezembro de 1937). Publicação oficial sob os auspícios do Ministério da Educação. Rio de Janeiro, 1939.

FALECIMENTOS. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 01 set. 1931.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, A. de. C.; HANSEN, P. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro; São Paulo: Civilização Brasileira, 2016.

IRREGULARIDADES na escola de medicina e cirurgia do Instituto hannemannianno: os acadêmicos estão de greve. **Diário de Notícias**, p. 16, 1930.

MARINHO, N. A engenheira militante feminista Carmem Portinho: a atuação na União Universitária Feminina. In: GASPARELLO, A. M.; VILLELA, H. de. O. S. (org.). **Educação na história**: intelectuais, saberes e ações instituintes. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. p. 215-232.

MENDONÇA, A. W. P. C. et al. De homens-mundo a especialistas: a disciplinarização do currículo da docência no Colégio Pedro II (1855-1881). In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: MATRIZES INTERPRETATIVAS E INTERNACIONALIZAÇÃO, 3., 2015, Maringá, PR. **Anais [...]**. Maringá, PR: UEM, 2015.

MENDONÇA, A. W. P. C.; SILVA, F. R. dos. S.; OLIVEIRA, P. R. de. A classe de repetidores do Colégio de Pedro II: um degrau na carreira docente ou uma estratégia de formação? **Rev. bras. hist. educ.**, Maringá-PR, v. 15, n. 3 (39), p. 201-228, set./dez. 2015.

MOSS, M. da. G. **Catálise**. Rio de Janeiro: TYP. América, 1939.

MOSS, M. da. G. **Processo catalítico de análise orgânica**: catálise. Rio de Janeiro: TYP. América, 1933.

O CONCURSO de química no Colégio Pedro II. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1934.



OLIVEIRA, P. R. de. Mulheres no magistério secundário: identidades e trajetórias profissionais das primeiras professoras do Colégio Pedro II. REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL SUDESTE DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 13., 2018, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2018.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 09-39.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista HUMUS**, v. 1, n. 1, 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Vozes, 2013.

SANTOS, B. B. M. dos. O Núcleo de documentação e memória do Colégio Pedro II e sua importância para a preservação do patrimônio histórico e cultural da educação brasileira. *In*: BONATO, N. M. da. C.; XAVIER, L. (org.). **A História da educação no Rio de Janeiro: identidades locais, memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 36-44.

SCOTT, J. História das mulheres. *In*: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 75.

SOARES, J. da. C. Aspectos da crise do programa institucional no Colégio Pedro II (1931-1945). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 17, n. 4 [47], 2017.

SOARES, J. da. C. **Dos professores “estranhos” aos catedráticos: aspectos da construção da identidade profissional docente no Colégio Pedro II (1925-1945)**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VECHIA, A.; LORENZ, K. M. (org.). **Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951**. Curitiba: Autores, 1998.

VIDA na zona norte: acabou a greve na escola Visconde de Cairu. **Tribuna da imprensa**, Rio de Janeiro, 20 abr. 1951.

XAVIER, L. N. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 59, out./dez. 2014.

Notas

¹ O artigo tem por base a pesquisa desenvolvida no Estágio Pós-Doutoral realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, pela primeira autora, articulada aos estudos desenvolvidos sobre mulheres no ensino superior da professora supervisora do Estágio, segunda autora.

² Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Estágio pós-doutoral da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

³ Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora associada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).



⁴ Conforme consta em seu termo de posse e registro de nomeação do Colégio Pedro II, localizado no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II – NUDOM-CPII.

⁵ O NUDOM-CPII foi criado pela Portaria nº 1.019, de 22 de agosto de 1995, por iniciativa do professor Wilson Choeri, quando ocupou o cargo de diretor-geral do CPII. (SANTOS, 2013).

⁶ A Congregação de Professores e substitutos foi criada pelo Decreto nº 8.227 de 1881, dando maior autonomia aos professores. Antes desta data os professores eram indicados pelos Ministros do Império.

⁷ A tese de Nella Aita apresentada ao CPII se encontra encadernada com outras obras. (AITA, 1921). As informações sobre o concurso constam no Livro de atas da Congregação ACO CPII 02/04/1925 a 30/05/1934. 250 p., onde é citado o Concurso de Italiano realizado nos dias 13, 21, 22, 25 e 29 de julho de 1921.

⁸ Ele apenas fez referência à presença feminina no corpo discente, na década de 90 do século XIX, quando indica que vinte alunas tiveram acesso ao ensino na instituição. Estes dados merecem um estudo mais aprofundado, visto que na documentação somente foram localizadas duas destas alunas, além das três citadas no artigo de Alves (2009). De acordo com Bonato (2002, p.2), a partir de 1882, algumas meninas foram matriculadas no Colégio Pedro II “[...] por não existir disposição legal proibitiva.” Em 1885, havia no estabelecimento 15 (quinze) alunas matriculadas e 5 (cinco) alunas ouvintes. Em 1889, as alunas foram transferidas para estabelecimentos próprios para o sexo feminino. “Em 1927, encontramos matriculadas no Externado 27 (vinte e sete) meninas e 717 (setecentos e dezessete) meninos.” (MARINHO, 2016, p. 221)

⁹ Data de nascimento com base na notícia sobre sua autuação, em 1946, a qual indicou que ela estava com 42 anos àquela época; e na notícia “Aniversários”, do *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1937, que a parabeniza pelo seu aniversário nesta data.

¹⁰ A professora também foi membro da Academia Brasileira de Ciências; Academia Brasileira de Química; Sociedade Brasileira de Química – SP; Sociedade de Química de São Paulo; Associação Farmacêutica de São Paulo; Sociedade de professores secundários; Sociedade de professores do Distrito Federal e Sociedade Brasileira Científica, como consta nas teses de 1933 e 1939 por ela apresentadas para o concurso. (MOSS, 1933; 1939).

¹¹ O *Jornal do Commercio*, de 21 de out. 1922, traz a participação como secretária de Maria da Glória e de Jandyra Fernandes Lima na seção de Higiene e Microbiologia, presidida pelo Dr. Souza Martins, no 1º Congresso de Farmácia. E na seção de Bromatologia, presidida por Machado Filho, tendo como secretária também Graziella Pacheco. Já a seção de Farmácia industrial, presidida por Francisco Giffoni, foi secretariada por Maria da Glória e José dos Santos.

¹² Nesta instituição, lecionou como suplente até 24 de março de 1931, quando então foi nomeada professora de História Natural e começou a lecionar no ano seguinte também nas escolas de ensino técnico-secundário do município. (ACTOS..., 1923).

¹³ Além de sua atuação como professora, participou de Bancas de Exames de alunos em outras instituições de ensino secundário, tais como: Colégio Brasil (Ouro Fino); Academia de Comércio e o Colégio Pedro II.

¹⁴ Denominação das escolas à época em que Maria da Glória nelas atuou.

¹⁵ A relação de Maria da Glória com duas das escolas onde trabalhou vem de muito antes. Lembramos que a formação escolar dessa professora se deu inicialmente no Instituto Profissional Feminino, criado por decreto em 1897, sendo inaugurado em 28 de outubro de 1898. Após o falecimento da primeira Dama do país, Orsina da Fonseca, em 1912, ao nome do Instituto foi acrescentado o de Orsina da Fonseca. Pelo Decreto nº 981, de 2 de setembro de 1914, definiu-se que Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca seria transformado em externado profissional, mantendo-se também o internado. Em 1919, cria-se a Escola Profissional Paulo de Frontin, originária daquele externado. (BONATO, 2003, 2009). Maria da Glória seria professora das duas instituições escolares. (OLIVEIRA, 2018).

¹⁶ Em 1951, foi novamente transferida para a Escola João Alfredo, entrando então, os alunos da escola Visconde de Cairu em greve, pedindo o retorno da professora. (VIDA..., 1951).

¹⁷ Não podemos descartar motivos partidários. Durante o ano de 1938, ela atuou como advogada de defesa de alguns dos envolvidos no movimento militar e político de 1935, em nome da Aliança Nacional Libertadora – ANL. Em 1954, associou-se ao Clube da Lanterna, criado em 1953, pelo jornalista Carlos Lacerda, que junto a parlamentares da UDN buscavam combater o governo do presidente Getúlio Vargas. Informações disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/clube-da-lanterna>. Acesso em 17 jul. 2018. E em 07 de setembro de 1956, constituiu o diretório regional do Partido Democrata Cristão – PDC. (COISAS..., 1956).

¹⁸ Em 22 de abril de 1971, foi publicada no Diário Oficial a aprovação de Maria da Glória no concurso do Colégio Pedro II para o cargo de professora de Moral e Cívica. Somente 32 anos após sua última tentativa de



ingressar como professora nesta instituição por meio de concurso, foi que ela efetivamente conseguiu a vaga tão almejada, ainda que as mudanças ocorridas em sua trajetória profissional e formativa a tenham levado para outra área, que não a de Química.

¹⁹ O decreto n. 2006, de 1857, dividiu o CPII em Internato e Externato. (MENDONÇA; SILVA; OLIVEIRA, 2015).

²⁰ O livro reúne atas relativas aos concursos de docentes livres, catedráticos e professores para o Colégio Pedro II, realizados no período de 21 de setembro de 1925 a 21 de fevereiro de 1975. Acervo NUDOM-CPII.

²¹ Euclides Roxo além de professor era também o diretor do Externato, em 1926, ano em que Maria da Glória iniciou seus trabalhos no CPII. Ela ocupou o cargo como professora até o ano em que ele deixou a direção do externato, para atuar junto à Reforma Campos, de 1932. Depois, a professora continuou apenas prestando serviços ao Colégio Pedro II como membro das Bancas Examinadoras de alunos (PASTA..., 1940).

²² Em 1923, um ano após começar a lecionar na Escola Normal de Niterói, agora como colega de trabalho do professor Balthazar da Silveira, teria ocorrido uma discussão entre eles, durante uma Banca Examinadora de alunos da qual ela seria membro, resultando em agressão física e envolvimento de um dos irmãos de Maria da Glória Moss. Foi necessária a abertura de um inquérito pelo diretor da Escola para apurar os responsáveis, fato que foi publicado em notícia intitulada: “As consequências de uma reprovação: o grande escândalo de ontem na Escola Normal.” (A RUA..., 1923).

²³ Carmem Portinho se forma em engenharia em 1926, pela Escola Politécnica da Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), mesmo ano em que se registra a matrícula de Yvone Monteiro da Silva, a primeira aluna no Colégio Pedro II, iniciando seus estudos no ano seguinte. Nesse ano Carmem Portinho também marcará presença na instituição como professora, lá permanecendo por três anos. “Uma mulher ministrar aulas num internato masculino não era um fato bem-visto, houve a interferência do próprio ministro da Justiça para afastá-la [...]”. (MARINHO, 2016, p. 221). Portinho permaneceu como professora do Colégio durante três anos, quando pediu demissão. Em 1929, funda com outras feministas a União Universitária Feminina.

²⁴ As outras professoras: Maria de Lourdes Nogueira, “auxiliar” de Português, tinha grau de parentesco com o professor do CPII, Julio Nogueira; Aimée Ruch, professora “estranha” à instituição, que regeu a turma de Francês, mediante indicação do catedrático da disciplina, e era irmã do professor Gastão Matias Ruth Sturzenecker; bem como Carmem Velasco Portinho, professora da turma suplementar de Aritmética, tinha grau de parentesco com o professor Odilon Portinho e foi a primeira mulher a lecionar no internato. (OLIVEIRA, 2018).